

Artigo de Silvio Caccia Bava aborda a importância de recuperar a dimensão libertadora de conceitos como “liberdade” e “igualdade” para enfrentar, de forma crítica, o discurso dos ideólogos da globalização.

A contínua busca da identidade

Silvio Caccia Bava

Silvio Caccia Bava é sociólogo, coordenador executivo do Instituto Pólis e presidente da Asociación Latinoamericana de Organizaciones de Promoción (ALOP)

Publicado em: 05/02/2007 *Há uma constante disputa de significados quanto aos conceitos, pois do seu sentido retiraremos as possibilidades de análise da realidade e as possibilidades de ação.* “Solidariedade, justiça, democracia, liberdade. As grandes palavras que marcaram a conquista dos direitos humanos já não são o que eram. Seu significado de insurgência se debilitou, seu uso por parte das organizações sociais tornou-se desvirtuado. Soam tão vazias, tão mundanas, que ao pronunciá-las nos sentimos replicando a mesma manipulação que nos rodeia. O poder está ganhando a batalha e despojou as organizações sociais de armas lingüísticas essenciais para a reivindicação dos direitos fundamentais”.¹

A lógica do pensamento único é “naturalizar” o presente, suprimir a idéia de história e de processo; impor uma lógica na qual a pobreza e a exclusão sejam apenas um dado de realidade, as divisões e as diferenças apareçam como simples diversidade, e a multiplicidade de instituições, longe de ser percebida como pluralidade conflituosa, apareça como um conjunto de entidades identificadas umas às outras, que necessitam apenas um maior entrosamento funcional.

A construção da hegemonia neoliberal é um processo dinâmico, que necessita da interlocução permanente com os movimentos sociais, com os contra-poderes construídos de baixo para cima, que buscam construir uma agenda própria e atribuir novos significados libertadores aos conceitos reificados pela lógica do mercado. Desarmar as práticas de resistência e de busca da construção de novos paradigmas, exige, da parte do poder instituído, um constante repensar de conceitos e valores.²

Se “cidadania” significa ter acesso aos bens de consumo, se “liberdade” significa ter poder aquisitivo para escolher entre distintas mercadorias, se “participação” significa apenas uma consulta aos cidadãos, se as iniciativas em prol do desenvolvimento estão dissociadas da política econômica, então estão dados os parâmetros que submetem nossas ações a essa lógica dominante.

O que a ideologia não faz é dar conta de apresentar soluções para os conflitos sociais que se avolumam. O poder de enfrentar o pensamento único é o poder da análise crítica que recupera as dimensões da história, as dimensões de processo, e demonstra o interesse particular se sobrepondo ao interesse da maioria, a ocultação do real, a ocultação do conflito, operada pelo discurso dominante.

Cabe ao pensamento crítico avaliar o estado em que se encontra a humanidade e o planeta, identificar as causas da situação crítica que vivemos, e enfrentar o discurso dos ideólogos da globalização. Para isso é preciso recuperar a dimensão libertadora de

conceitos que permitem a análise histórica da sociedade, identificar o campo dos conflitos e seus atores sociais e políticos, e construir neste processo um outro projeto de civilização.

Recuperar o conceito de “liberdade” significa defender a liberdade de expressão, de organização, de pensamento, de crítica, de manifestação – duramente conquistada por séculos de luta contra o absolutismo, o fascismo e as ditaduras, e que agora enfrenta a ditadura dos mercados financeiros e das multinacionais que impõem seus interesses ao conjunto do planeta.

Recuperar o conceito de “igualdade” e colocá-lo a serviço de um novo projeto civilizatório significa recuperar o seu sentido enquanto conquista das revoluções republicanas, que afirma a igualdade de todos perante a lei. O conceito é um instrumento de luta das maiorias contra a pequena elite que monopoliza o poder econômico e os meios de produção. A busca da igualdade, hoje, significa enfrentar a monstruosa e crescente desigualdade entre o Norte e o Sul, no plano internacional; e se engajar na luta pela redistribuição do poder e da riqueza, no plano nacional. 3 Dar um novo sentido à participação cidadã é contribuir para a criação de novas formas de governo que socializem o poder, para que se possa estender a democracia para o terreno econômico e social.

Em nossa discussão sobre a identidade e a ação que queremos desenvolver, necessitamos identificar a agenda e os conflitos que se dão no cenário nacional e latino-americano e inscrever a nossa prática no campo político do movimento altermundialista; no campo político da luta contra a exclusão social e a desigualdade.

1. Caravantes, Marta; “Recuperar o sentido das palavras”; Le Monde Diplomatique; www.portoalegre2003.org
2. Caccia Bava, Silvio; “A Produção da Agenda Social Mundial - uma discussão sobre contextos e conceitos”; Seminário Mitos E Realidades Sobre Inclusão Social, Participação Cidadã E Desenvolvimento Local. SEHAS, Córdoba, 21 E 22 De Novembro de 2004 – Argentina.
3. Löwy, Michael e Frei Betto; “Valores de uma nova civilização”; www.portoalegre2003.org